

A geografia, a cidade e a criança*

Zeno Soares Crocetti**

"Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? (...) É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento (...). Ó admirável necessidade! Quem acredita que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?"

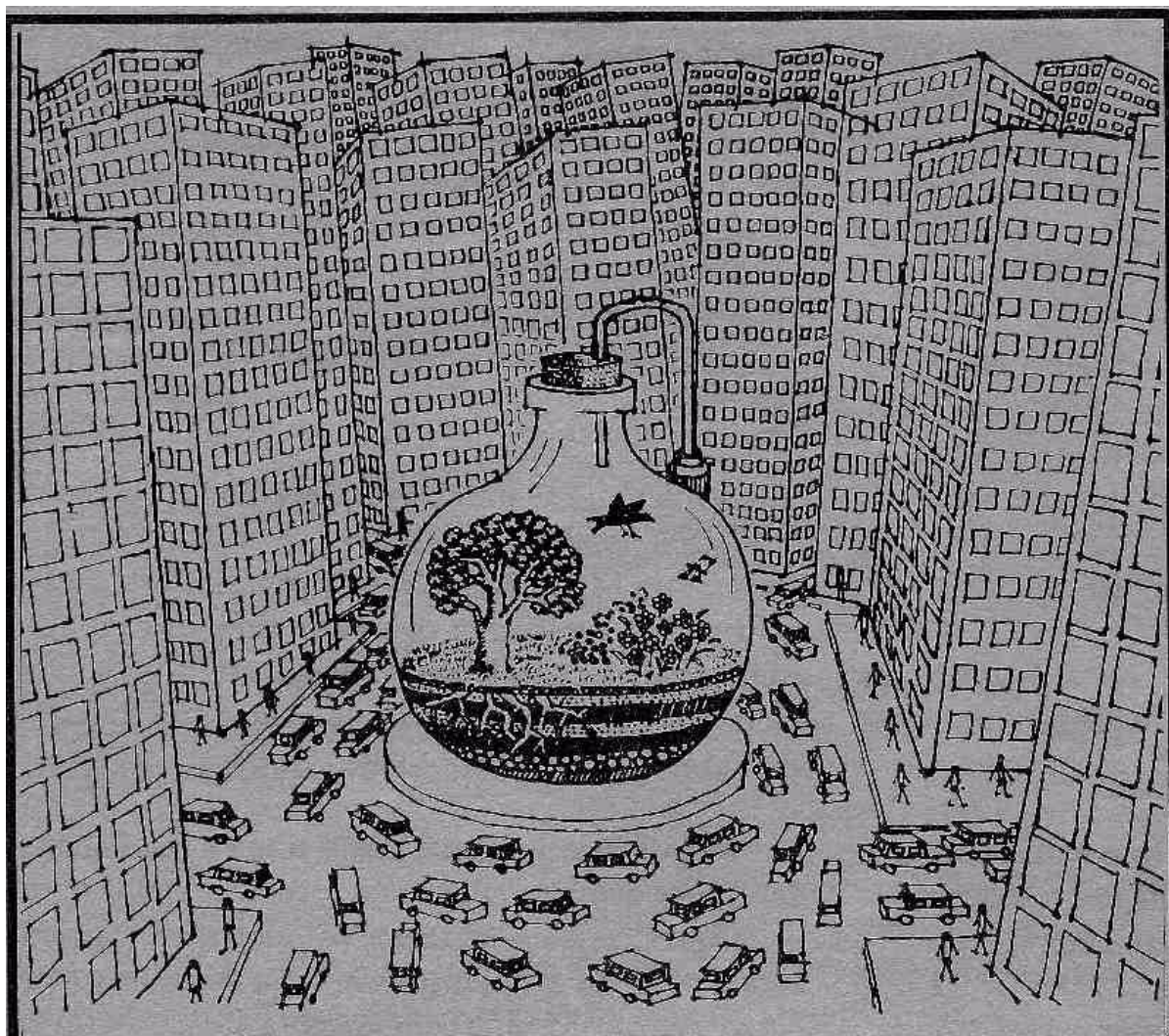
Leonardo da Vinci

O mundo passa neste final de século por problemas e transformações profundas nos níveis político, econômico, social e cultural. Refletindo sobre esses temas, criança, geografia e a cidade lembramo-nos da importância da rua na vida da população e das crianças. Pois tudo se passa na rua, a rua pertence aos pobres e aos ricos que ali se encontram e se confrontam.

A rua é de tal forma interligada à habitação que não se distingue onde começa o espaço privado e onde termina o espaço público. Esse espaço comum do público e do privado era também comum aos homens, às mulheres e às crianças. Aliás, a rua era tanto do domínio da criança quanto do adulto e frequentemente entravam em conflito. As crianças brincam na rua; o espaço urbano é o seu universo; elas o utilizam à sua vontade e, para comprovar o domínio que as crianças tinham sobre as ruas, os adultos chegam a registrar queixas contra elas em delegacias.

As crianças e os adultos utilizam as ruas como espaço deles, na medida em que não têm espaço dentro de suas casas. A casa não se destina à permanência fora do horário de dormir e comer.

O POVO PERDE O SEU ESPAÇO



Antigamente nossas ruas eram os locais privilegiados onde se reuniam as "multidões amorfas" nos festivais populares, como a feira, corridas de cavalos, touros, brigas de galos etc.

"Estas formas de recreação da classe trabalhadora que se desenvolviam ao ar livre sofreram perseguições sem trégua da polícia", escreveu Robert Storch, dentro do quadro vitoriano em que estavam sendo substituídas as formas tradicionais da nova ordem básica urbana."

Esse conceito de decoro ou de tumulto estava ligado diretamente à desconfiança e o receio da aristocracia e da burguesia com relação ao perigo que representavam "as multidões das áreas industriais". "As classes pobres" foram crescentemente percebidas como perigosas; elementos vulcânicos, cuja violência explosiva pode destruir a estrutura da sociedade?

Assim a rua vai adquirindo cada vez mais a função única da circulação. Para a criança é o seu afastamento da rua, o seu encerramento, porque a rua passa a ser

considerada perigosa para os filhos das famílias mais abastadas. As crianças passam a ser confinadas nas casas, nas creches, nos asilos ou nas fábricas, dependendo da classe social a que pertencem, e se transformam em "categoria social".

E para reconstruir a unidade das relações afetivas, psíquicas e cognitivas que lhe assegure simultaneamente a individualidade e a socialização, a criança terá de encontrar nas novas condições urbanas aqueles espaços permeáveis onde seja possível o jogo e a brincadeira.

Que espaços são esses nas cidades modernas? As respostas encontram-se na especificidade das formas do viver urbano das famílias e das alternativas que elas encontram para a sobrevivência e para o trabalho.

As crianças das camadas populares, ao morarem em favelas, cortiços, casas da periferia ou nas "kitchenettes", descobrem espaços correspondentes, brincam conforme esses espaços permitem e retratam essas condições, mediadas pelas sensações.

Os espaços destinados às crianças também são mercantilizados na cidade e, portanto, oferecidos mediante pagamento e que pela distância ou pela natureza específica do seu divertimento exigem outros gastos. São os "*play-centers*", os ringues de patinação, as danceterias ou, mais recentemente, as pistas de "*skate*" e os clubes.

À maioria das crianças restam, pois, os espaços públicos/privados das moradias, das escolas, dos "*shoppings centers*" e das ruas das quais as crianças das classes abastadas foram afastadas desde o século XVIII, em nome da segurança e da política de ordenação disciplinar dos indivíduos.

ESPAÇO E O TEMPO

De fato, o espaço urbano ou rural, coletivo ou individual fala da história dos homens em cada lugar: não uma história de homens genéricos que transformam e constroem um mundo longínquo e abstrato, mas a história específica de homens que viveram ou vivem em determinadas condições de organização produtiva, no bairro e na cidade onde as crianças vivem. O espaço construído é a história dos trabalhadores que objetivamente o realizam, no gesto diário de quem faz o tijolo, levanta paredes, recobre pisos, quebra pedras, mistura as tintas, recobre o entulho... É a história das crianças e dos seus pais.

Que material melhor do que este para as crianças aprenderem a ver e compreender a realidade, a possibilidade de transformação, o valor do trabalho e do trabalhador, a organização da sociedade, o trabalho parcelado, as condições de sua vida e a de outros povos?

* Publicado no Jornal Vapt Vupt, Curitiba, Ano 2, nº. 1, maio de 1992, p. 3.

** Professor de geografia na UNIBEM, Curitiba.

REFERÊNCIAS

DONZELOT, Jean. *A Polícia das Famílias*, Rio de Janeiro: Graal, 1986.

SOUZA LIMA, Mayunti. *A Cidade e a Criança*. São Paulo: Nobel, 1989.

STORCH, Robert. *O policiamento cotidiano na cidade vitoriana*. In: *Cultura & Cidades*. São Paulo: ANPUH, nº 8/9, 1985 - (1)

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 (2)